

Carlota Joaquina. Carla Camurati. 30 anos depois

Maria Ignês Carlos Magno

Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi.

E-mail: unsigster@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1520-9256>.

Rogério Ferraraz

Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi.

E-mail: rogerioferraraz@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7625-0554>.

Resumo: Aproveitando o retorno do filme (14/08/2025) nos cinemas agora remasterizado em 4K, pensamos em propor para essa resenha *Carlota Joaquina, Princesa do Brasil* como possibilidade de conhecer a obra e discuti-la em seus aspectos históricos e cinematográficos. A ideia aqui é a de propor o contato com a personagem Carlota Joaquina, com filme de Carla Camurati e o significado do filme naquele contexto histórico para o Cinema Nacional. E porque, 30 anos depois, o filme que entrou para a história do cinema brasileiro, em especial, o chamado cinema da Retomada, volta às telas dos cinemas. Como a obra foi feita por uma cineasta sobre uma personagem mulher da história do Brasil e de Portugal, consideramos importante apresentá-las ao público leitor dessa revista que à época do lançamento do filme em 1995 trouxe uma entrevista realizada por Roseli Fígaro.

Palavras-chave: Carlota Joaquina; Carla Camurati; cinema brasileiro.

Abstract: Taking advantage of the film's return to theaters (August 14, 2025), now remastered in 4K, we thought to propose this review of *Carlota Joaquina, Princess of Brazil*, as a way to get to know the work and discuss its historical and cinematographic aspects. The idea here is to propose contact with the character Carlota Joaquina, with Carla Camurati's film, and the film's significance in that historical context for Brazilian Cinema. And also because 30 years later, the film that entered the history of Brazilian cinema, especially the so-called Retomada cinema, returns to theaters. As the work was made by a female filmmaker about a female figure in the history of Brazil and Portugal, we consider it important to present them to the readership of this magazine, which at the time of the film's release in 1995 featured an interview conducted by Roseli Fígaro.

Keywords: Carlota Joaquina, Carla Camurati, brazilian cinema.

Recebido: 19/10/2025

Aprovado: 24/11/2025

“Ela dá mais trabalho às criadas que tu. Sempre que nas quintas a vejo no carrinho, se me renovam muito as saudades e algumas vezes, que vejo ir a merenda, também me lembro que tu fazias o mesmo. Ela é muito esperta e tem muito juízo, só o que tem é ser muito piquena e eu gosto muito dela, mas por isso, não te deixo de ter igual amor [...]”

(Carta de D. João enviada à irmã, em 1785).

“Senhora, ontem e hoje Sua Alteza [Carlota] tem estado muito teimosa, sem querer fazer nada do que lhe dizem [...] Esta manhã, para calçar-se, colocar o espartilho e tomar chocolate, ficou das oito até às dez, e quanto mais lhe pediam que se apressasse, mais ela se calava e demorava ainda mais [...]”

(Carta de Miquelina à mãe de Carlota Joaquina, 1785).

“Pesquisei até *Carlota Joaquina, uma rainha devassa*. Li manuscritos, cartas, jornais, poesias da época. O que eu gostava mais eram os originais, os manuscritos, são os mais interessantes. Mas mesmo dentro deles tem diferenças, é complicado. Se você reparar, esse é um período pouco explorado [...]”

(Carla Camurati, Entrevista à revista Comunicação & Educação, 1995).

1. INTRODUÇÃO

Em 14 de agosto de 2025, o filme *Carlota Joaquina, Princesa do Brasil*, da cineasta Carla Camurati, voltou às salas de cinema nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Salvador, Belo Horizonte, Porto Alegre, Niterói, São Luís e Belém. Lançado em 1995, o filme foi sucesso de público e gerou debates sobre a história do Brasil e do próprio filme, e sua dupla feitura: como filme e como proposta de visitação ou revisitação dos fatos históricos que envolveram a Família Real, a transferência da corte portuguesa para o Brasil e personagens dessa história — especialmente Carlota Joaquina, personagem escolhida por Carla Camurati para conduzir o filme e sua particular leitura sobre àquela que foi negociada entre as famílias reais das casas de Portugal e Espanha. As negociações iniciadas em 1783 e finalizadas em 8 de maio de 1785 tiveram como desfecho o casamento de Carlota Joaquina e Dom João, que ocorreu em 9 de junho de 1785; ela com dez anos de idade e ele com 18 anos. O casamento em si só foi consumado anos depois.

Se atentarmos para as três citações acima, podemos perceber as três imagens históricas de Carlota: a criança teimosa e impertinente, a rainha devassa e a menina ajuizada e esperta aos olhos de Dom João. Faltou a Carlota altamente politizada que mirava o poder e que levou esse projeto até as últimas consequências: a do isolamento e a morte no Palácio de Queluz em 7 de janeiro de 1830, com 54 anos de idade. Camurati tem razão quando fala da complexidade histórica e do período pouco explorado e daí a importância dos manuscritos, das cartas, dos jornais, dos

relatos e dos poemas de época. Interessam os documentos para recuperar os fatos em suas diferentes versões, os debates em torno das histórias que o filme contou, as interpretações que o filme de 1995 trouxe e os de agora, de 2025, bem como as histórias em torno do filme que é um dos marcos do chamado “Cinema da Retomada”.

Aproveitando o retorno do filme no dia 14 de agosto de 2025 nos cinemas — agora remasterizado em 4K —, pensamos em propor para essa resenha *Carlota Joaquina, princesa do Brazil* como possibilidade de conhecer a obra e discuti-la em seus aspectos históricos e cinematográficos. Como a obra foi feita por uma cineasta sobre uma personagem mulher da história do Brasil e de Portugal, consideramos importante apresentá-las ao público leitor dessa revista, que à época do lançamento do filme em 1995 trouxe uma Entrevista, realizada por Roseli Fígaro (1995).

2. CARLOTA JOAQUINA: PRINCESA DO BRAZIL

Carlota Joaquina Teresa Cayetana (Figura 1) nasceu no Palácio Real de Aranjuez, Madrid, em 25 de abril de 1775; filha primogênita dos reis da Espanha Carlos IV e Maria Luísa de Parma. Infanta da Espanha, estudou idiomas, religião, história, regras de etiqueta. Era considerada alegre e culta para sua idade, politizada e de temperamento e personalidade fortes, impondo tudo conforme sua vontade. Basta leremos um trecho de uma das cartas de Miquelina, sua ama, — enviada à Princesa das Astúrias, mãe de Carlota Joaquina, em 1785, citada no artigo “D. Carlota Joaquina, a princesa ‘mimada’ que se tornou a ‘megera’ de Queluz” (2025):

Não posso deixar de dizer a Vossa Alteza que nestes dias Sua Alteza [Carlota] tem estado muito impertinente, com modos muito rudes, e tem feito muito mal as lições, especialmente a do padre Felipe [...] também no sábado, enquanto almoçava com o infante [Dom João], pegou um pedaço de linguado e atirou-o contra uma camareira que estava a servir à mesa. Parte acertou no rosto do senhor Infante, o que ele não gostou nada, embora Sua Alteza tenha se desculpado dizendo que não fizera de propósito [...].



Figura 1: Carlota Joaquina de Borbon, Infanta da Espanha, futura rainha de Portugal

Fonte: Museu do Prado. Pintura de Joaquín Inza (1736-1811).

Da criança inquieta à articuladora política que almejava ascensão e posição política de destaque e relevância no trono, Carlota esteve em muitas ocasiões envolvida em ações que visavam prejudicar Dom João (Figura 2) e Portugal — em detrimento dos interesses espanhóis e dos seus — no contexto geopolítico da época, como por exemplo em 1805, quando tentou um golpe para destituir seu marido do trono e da condição de príncipe regente — tentativa que mesmo tendo tido ajuda de uma parte da nobreza portuguesa e ficado conhecida como Conspiração do Alfaiate, foi sufocada porque Dom João descobriu a trama. Um outro exemplo bastante significativo de sua atuação política deu-se no retorno da Família Real para Portugal em 1821 por ocasião da Revolução Liberal do Porto.

Carlota, contrária à Constituição, seguiu com os planos contra Dom João e em 1822 participou da Conspiração da Rua Formosa — uma nova tentativa de tirá-lo o trono e acabar com a Constituição portuguesa. Colocada em confinamento no Palácio do Ramalhão em Sintra, continuou participando de outras conspirações. Em 1823, instigou D. Miguel — seu filho predileto e irmão de D. Pedro de Alcantara — a rebelar-se contra o pai; conspiração conhecida como “Vilafrancada”. A outra revolta de Dom Miguel contra o pai foi a Abrilada, em 1824. Depois dessa revolta, Carlota Joaquina foi enviada para o Palácio de Queluz sendo proibida de aparecer na Corte e onde ficou confinada até sua morte, em 1830. Em 1826, Dom João morre e Dom Miguel usurpa o trono em 1828, tornando-se Rei de Portugal. Carlota Joaquina era chamada pela população portuguesa como a Megera de Queluz.



Figura 2: D. João VI e Carlota Joaquina retratados em pintura.
O casamento visava selar a paz entre Portugal e Espanha

Fonte: Silva (2025).

De conspirações a tentativas de golpes contra seu marido e dona de uma personalidade forte, rebelde e independente, Carlota foi ganhando conotações pejorativas ao longo dos anos, de rainha autoritária e má, além de infiel; um imaginário popular foi sendo construído via literatura, teatro e outras formas de expressão popular. Exemplo de sua liberdade — e como curiosidade —, vale saber que tomava banhos de mar nua, só usava sapatos vermelhos e adorava cavalgar, além de ler e criar seus nove filhos. Oito deles viveram até a idade adulta; um deles, Pedro de Alcântara, tornou-se Dom Pedro I no Brasil e depois Dom Pedro IV em Portugal. Parte de uma história complexa e pouco conhecida — como bem lembrou Carla Camurati em entrevista (1995).

Atualmente, uma nova leva de historiadores tenta desfazer o mito da rainha má e devassa, por meio de novos estudos e documentos de época — no intuito de mostrar a pessoa política de Carlota — em um contexto conturbado historicamente.

Como a ideia aqui é a de propor o contato com a personagem *Carlota Joaquina, Princesa do Brazil*, de Carla Camurati — e o significado do filme naquele contexto histórico para o Cinema Nacional —, vamos para a segunda parte do texto.

3. CARLA CAMURATI, O CINEMA NACIONAL E O ACONTECIMENTO CARLOTA JOAQUINA, PRINCESA DO BRAZIL

Carla Camurati é carioca de nascimento, fazia Biologia, largou o curso e passou a se dedicar inteiramente à carreira artística. Fez cinema, teatro, novelas, minisséries, dirigiu curtas e fez o seu primeiro longa aos 35 anos de idade. Conhecida como atriz, Carla Camurati surpreendeu a todos como cineasta que fez um filme considerado uma farsa, uma sátira, um deboche histórico; um filme “sem identidade cinematográfica, que não pertence a nenhum gênero e pertence a vários” (Desbois, 2016, p. 331) e que se transformou em um dos maiores sucessos de bilheteria à época do lançamento.

Sucesso de público, o certo é que *Carlota Joaquina: Princesa do Brazil* causou grande alvoroço no meio cinematográfico, intelectual e crítico em geral. Nas palavras de Luiz Zanin Oricchio (2023, p. 39), “nas primeiras apresentações à imprensa, *Carlota* não deu a impressão de que iria ter carreira tão brilhante. Aliás, a sensação era de que não iria ter carreira nenhuma”. Oricchio (2023, p. 39) lembra que os comentários depois da sessão para jornalistas e público foi inevitável: “mais um filme nacional feito para ninguém e destinado ao fracasso. Ledo engano”. Ledo engano. Muitas perguntas foram feitas sobre o sucesso de público e uma delas foi: “por que o público brasileiro festeja esse primeiro longa de uma jovem atriz, ela própria surpreendida por seu impacto”? (Desbois, 2016, p. 329).

Pergunta que Inimá Simões na revista *Set* (Simões, 1995), especifica:

O filme de Carla Camurati tem grandes qualidades, entre eles a capacidade de obter empatia imediata da plateia. Não se trata de nenhuma obra seminal, dessas que fundam uma nova cinematografia. E se mostra bastante desvinculada do passado cinematográfico recente. Isso é bom [...].

Ironicamente, Sylvie Pierre (1995) escreveu: “Com Carlota Joaquina, tudo parece se reconciliar: arte, espetáculo, público, crítica. Carla-Carlota é uma verdadeira Joana d’Arc, pois devolveu a confiança a todo um povo com problemas de auto-estima cultural”. Desbois (2016, p. 331) continua citando Sylvie Pierre e a crônica escrita nos *Cahiers du Cinéma*. Escreve Pierre (1995): “Não há espaço aqui para dizer tudo de bom e de ruim contraditório que vejo nesse filme forte, demagógico e loucamente “eficaz”, exemplarmente produzido por uma diretora superdotada, mas pela confiança que ela devolve ao cinema brasileiro, e sobretudo ao seu público”.

Sátira, farsa e demagógico: tudo isso, menos deboche. Leiamos a resposta de Carla Camurati à uma das perguntas feitas por Roseli Fígaro na Entrevista (1995, p. 73): “o tom de deboche em *Carlota Joaquina* é uma crítica à nossa História ou você acha que o deboche é um gosto nacional e por meio dele você pode atingir o público?” Camurati responde:

Discordo radicalmente que o filme seja debochado. Não gosto de deboche. Não sou debochada. Meu filme é lúdico, é diferente. Ele é brincalhão. Deboche é uma coisa ácida, ele não é ácido. É lúdico, é infantil, tem a imaginação de uma criança [...]. Inclusive eu não quis que nenhum dos atores debochassem de nada, os atores fizeram tudo na maior seriedade [...] (Fígaro, 1995, p. 73).

Embora a diretora afirme que o filme não é um deboche, foi assim que alguns críticos analisaram a *Carlota Joaquina*, de Carla Camurati. O crítico cultural Marcelo Coelho escreveu na Folha Ilustrada (1995) a crítica “*Carlota Joaquina debocha da história*”. Segue um trecho apenas de uma longa análise do filme:

“Carlota Joaquina”, filme de Carla Camurati que está em cartaz em São Paulo e no Rio, debocha com violência da vinda de d. João 6º ao Brasil, fugindo das tropas napoleônicas. Marco Nanini, no papel de rei, lambuza-se o tempo todo comendo coxas de frango; sua rainha, Carlota Joaquina (Marieta Severo) cria bigodes e tem dentes cariados. Os disparates e covardias da corte lusitana, seus contrastes e acordos com a barbárie brasileira, aparecem em tom de farsa total [...] não há perdão a portugueses nem a brasileiros no filme de Carla Camurati. Tampouco se trata, é claro, de “denúncia política” pura e simples. O deboche é mais violento, e menos engraçado, mas é deboche (Coelho, 1995).

Se para o crítico Marcelo Coelho (1995) o filme era um deboche histórico, para o escritor e colunista do mesmo jornal *Folha de S.Paulo*, Antonio Callado, Carlota expôs outros aspectos dessa mesma história. Em 18 de fevereiro de 1995, na *Folha Ilustrada*, escreveu: “Carlota expõe raízes da fracassomia” e inicia a coluna com essa afirmação e uma pergunta:

O Brasil nasceu duas vezes. A primeira, em 1500, de um acaso. A segunda, em 1808, de um vexame. Como certidão de batismo do primeiro nascimento

possuímos a linda reportagem com a qual Pero Vaz de Caminha fundou o jornalismo brasileiro. Como registro do segundo e atribulado parto temos agora o melhor filme histórico da cinematografia brasileira, “*Carlota Joaquina, Princesa do Brasil*”, de Carla Camurati (Callado, 1995).

Após apresentar dados sobre episódios históricos, Callado diz que depois de assistir ao filme procurou Carla Camurati para fazer uma pergunta, mas não conseguiu porque ela estava viajando.

Eu queria saber dela o que mais determinou a escolha que fez do tema central do seu filme —se foi, como sugere o título, a figura de Carlota, no seu frenesi de poder e sexo, se o extraordinário momento que representou para o Brasil a chegada da esquálida e fedorenta corte de Lisboa. A comida a bordo tinha sido escassa, água para banho nenhuma, a viagem interminável [...] (Callado, 1995).

Pergunta que ela respondeu para Fígaro (1995, p. 73): “por que você resolveu fazer um filme sobre a História do Brasil e como chegou à ideia do argumento?”. Da longa entrevista, trago um pequeno trecho da resposta dada para Roseli Fígaro, que coincide com a análise de Callado (1995) sobre o duplo nascimento do Brasil. Carla argumenta:

Eu cheguei a esse argumento porque, lendo sobre a História do Brasil, concluí que esse momento era talvez o mais definitivo, no sentido de que ele era um segundo descobrimento do Brasil. Porque o Brasil foi descoberto, mas só foi usado quando a família Real chegou em 1808. Aí as coisas começaram a ser formadas.

Se o filme provocou debates, críticas, artigos e diferentes interpretações sobre as questões históricas, quase todos elogiaram à época a capacidade da diretora na direção de um filme feito com poucos recursos financeiros. Para manter os autores e críticos citados, retomemos Oricchio (2003, p. 38):

Carlota Joaquina é um filme construído com poucos recursos. Filme de época custa caro, por isso, filmes históricos com pequeno orçamento em geral caem no ridículo. No caso, a opção foi assumir de vez o tom falso, vagamente carnavalesco e inventivo, trabalhando com materiais descartáveis, como fazem as escolas de samba. Lisboa foi filmada em São Luis do Maranhão, e, como não havia verba para pagar os figurantes, a solução foi filmar em planos fechados, para sugerir que uns poucos gatos pingados eram parte de enorme multidão.

Desbois (2016, p. 333), ao comentar o sucesso do filme, escreveu:

Trabalho original na artificialidade dos cenários e imagens; parcialidade estética autorizada pela falta de meios técnicos. De maneira inteligente, a cineasta brinca com a sensação de déjà-vu e a impressão de uma técnica ultrapassada para facilitar a viagem no tempo.

Coelho (1995), em outro trecho da mesma crítica na *Folha Ilustrada*, diz:

O trabalho de Carla Camurati merece elogios. Cria um mundo de estranha opulência visual, em que o luxo e o grotesco parecem conviver como num

quadro de Salvador Dalí. Os movimentos de câmera são praticamente a única coisa que tem “classe” no filme. A caracterização dos personagens é brilhante.

Callado (1995) diz que:

Soberbamente representada por Marieta Severo, Carlota mostra, além do horror que é ela própria, o horror que sente de trocar as artes e o luxo da Europa pela miséria de um Brasil e de um Rio que só mesmo Ney Latorraca (que faz Debret no filme) teria ideia de eleger para uma viagem pitoresca. No regente, nosso futuro d. João 6º, comodista, corno manso, fundador da indústria dos frangos no Brasil de tanto que os comia, Carla Camurati encontrou outro grande personagem a retratar e outro grande intérprete, Marco Nanini.

Sobre atores, histórias e a *Carlota*, de Carla Camurati, Callado (1995) finaliza sua coluna na Folha Ilustrada:

Mas cá estou eu a fazer conjecturas históricas a respeito de um filme que deve ser louvado pelo que é, pela direção de Carla Camurati, pela interpretação excepcional de Marieta e de Nanini e pelo trabalho de brilhantes atrizes e atores coadjuvantes do naipe de Maria Fernanda, Vera Holtz, Marcos Palmeira, Thales Pan Chacon, Beth Goulart, Antonio Abujamra. Aliás, fiquei com uma ideia do que foi a elaboração de “Carlota Joaquina” depois que recebi da produção dois caprichados volumes, um de sólida pesquisa histórica e outro de divulgação iconográfica, com imagens da época, ilustrações do “storyboard”, nome dos patrocinadores. Menciono esses detalhes porque eles mostram como dá trabalho fazer, desde os alicerces, um filme bom como “*Carlota Joaquina, Princesa do Brazil*” (Callado, 1995).

Detalhes que realmente mostram não só o trabalho, mas o processo todo de elaboração de um filme de época e que a diretora queria fazer com esmero e cuidado histórico, sem renunciar à leveza. É importante retomarmos o depoimento de Carla para Silvia Regina Parvechi (2000, p. 145-150):

Para fazer *Carlota Joaquina*, formei uma biblioteca enorme sobre o período. Li livros portugueses, livros com características do Rio de Janeiro e autores que enfocaram só Carlota. Mas foi a partir da leitura do livro de Anita Hagen que me decidi a fazer o filme. Adquiri muitas obras, desde aquelas que contêm bibliografia oportunista e de pouco conteúdo, até os chamados clássicos. Não foi necessário ler tudo, o trabalho foi selecionar aquilo que eu pretendia enfocar. O levantamento durou um ano até que eu começasse a escrever.

Finalizamos essa parte da Resenha copiando as palavras de Antonio Callado (1995) sobre “como dá trabalho fazer, desde os alicerces, um filme bom como *Carlota Joaquina, Princesa do Brazil*” e porque 30 anos depois — o filme que entrou para a história do cinema brasileiro, em especial, o chamado cinema da Retomada — volta às telas remasterizado em 4K.

4. CARLOTA JOAQUINA, PRINCESA DO BRAZIL: 30 ANOS DEPOIS

Passados 30 anos desde o lançamento do filme de Carla Camurati, o Brasil já não vive mais os traumas e as angústias provocadas pelo governo de Fernando Collor (1990) e a supressão total das políticas de apoio ao cinema brasileiro — causando uma retração na produção cinematográfica pelas medidas adotadas pelo então presidente, como a extinção da Embrafilme, o Concine e a Fundação do Cinema Brasileiro. Com a saída de Collor e a passagem do poder para Itamar Franco (1992-94), duas leis aprovadas por ele foram muito importantes para a produção cinematográfica: a Lei do Audiovisual (1992) e a criação da RioFilmes (1993) — leis que favoreceram o ressurgimento do cinema brasileiro.

Carla Camurati — que fez seu primeiro curta-metragem chamado *Mulher Fatal*, financiado com verbas da Lei Sarney — relembra em entrevista recente à Agência Brasil (2025) as dificuldades de fazer cinema naqueles anos e hoje. Disse ela comemorando a volta do filme remasterizado às salas de cinema:

A gente não tinha nada. O *Carlota Joaquina* ganhou um prêmio da Finep de roteiro, de R\$ 100 mil, e, depois, os outros R\$ 400 mil conseguimos diretamente com os departamentos de marketing das empresas. E era tudo picadinho, então, você tinha uma dificuldade nesse sentido. A nossa sorte é que a Bianca de Fellipes, que fazia produção de teatro, tinha muitos contatos. Então, se você olhar a barra de apoios do *Carlota Joaquina* é uma loucura. A gente tinha apoio para tudo e foi essa mistura que fez o filme acontecer (Carvalho, 2025).

Ou ainda, um trecho do depoimento feito para Sílvia Regina Parvechi em agosto de 2000 (p. 145-150) em que a cineasta fala sobre as dificuldades para fazer o filme:

Os preparativos para o filme se iniciaram em 1992 e as filmagens foram realizadas entre o final de 1993 e o princípio de 1994. Duraram oito semanas, dentro de oito meses. Meu的习惯 é filmar e parar, nunca faço um filme direto. Nos meus filmes seguintes, repeti essa prática. No caso de *Carlota*, fiz isso pela primeira vez em função do problema do fluxo de caixa, dos patrocínios que estavam prometidos, mas ainda não tinham saído. *Carlota* não estava dentro de nenhuma lei de incentivo, foi feito somente com dinheiro de publicidade das empresas.

Acontecimentos que marcaram a carreira da cineasta e do cinema brasileiro: a do lançamento do filme e o sucesso de 1 milhão de espectadores nos quase 12 meses de permanência nos cinemas do país. Comemoração que no dia do relançamento do filme em 4K, teve, além da cineasta e da produtora, outros quatro integrantes da equipe: Marieta Severo, Marcos Nanini, Marcos Palmeira e Ludmila Dayer, que relembraram fatos e histórias que vivenciaram durante as filmagens e que ao reverem a versão remasterizada falaram das experiências. Marieta Severo comentou, na entrevista feita por Guilherme Thomaz, em 15/08/2025, para *Ingresso.com* “a importância histórica e cultural do filme,

lançado em um período de forte retração do cinema nacional e que viria a ter a simbologia de ser a Retomada do Cinema Nacional". Assim como Ludmila Dayer, que interpretou a menina da Escócia — que ouve a história que o tio lhe contou e vai vivendo e fantasiando até tornar-se a Carlota: "Carlota não é só interessante como entretenimento, por ser leve, engraçado e rico, mas também como um exercício como pessoa, que permite você se reconectar de um modo especial, com o início de nossa história" (Thomaz, 2025).

Se nos anos 1995 a *Carlota Joaquina* de Carla Camurati promoveu debates históricos acirrados entre críticos, historiadores, familiares da realeza, a versão remasterizada promoveu uma série de discussões em torno do filme em si e todo o processo que envolveu a sua versão atualizada. Marcos Nanini, por exemplo, na mesma entrevista dada para *Ingresso.com* (Thomaz, 2025), comenta porque o relançamento em 4K permitiu que "a riqueza estética da produção ganha mais evidência" e exemplifica como os detalhes intensificaram-se nessa nova versão:

A decoração, o cenário, as cores, tudo isso ficou mais visível, pungente e mais brilhante com o 4K. O filme ficou mais agradável de assistir. Tem detalhes que foram feitos lá naquela época que foram incrementados. Como exemplo, o papel machê, o celofane, tudo isso foi trabalhado de uma forma linda para transmitir a fantasia que cerca o filme, que, sem querer, envolve também a Chanchada e todo tipo de comédias populares, mas com uma visão mais sofisticada.

Se as entrevistas com Carla Camurati nos anos 1995 iam na direção histórica e do feito que a cineasta conseguiu com o pequeno orçamento de que dispunha, hoje o grande interesse recai sobre os efeitos do 4K em seu filme — fato que podemos acompanhar neste trecho de uma entrevista feita por Anna Karina de Carvalho (2025) da Agência Brasil. Perguntada sobre o filme com a pergunta "*continuar atual e poder chegar nas novas gerações, e qual a importância de isso acontecer nas salas de cinema?*", Carla respondeu:

Ah, está sendo bárbaro, né? É muito interessante você ver o filme ser projetado com uma qualidade incrível. A restauração de som e imagem do *Carlota* foi muito importante, era uma coisa que eu queria muito, e que a Petrobrás, grande parceira desde o princípio do filme, [proporcionou]. O importante de o filme estar em uma tela de cinema é a linguagem que você estabelece na proporção das telas. Tem uma dramaturgia de imagens em que influencia o tamanho da tela em que você está trabalhando. Quando você trabalha em uma tela menor, como televisão e smartphone, sua relação com a imagem, a dramaturgia de imagem que você tem, é diferente de quando você trabalha numa tela de cinema. Sem falar que a experiência do cinema é mais concentrada, ela é muito especial, porque você fica assistindo a um filme coletivamente, todo mundo em silêncio, naquela sala escura, sabe? E é engraçado, porque acaba que a plateia em si se comunica nas suas expressões, nos seus risos, nos comentários (Carvalho, 2025).

Embora a resposta de Carla tenha se direcionado mais ao evento do relançamento do filme em 4K e sua projeção nas salas de cinema, podemos entender que sua importância está nos dois aspectos da pergunta: a histórica e a tecnológica, porque as novas gerações verão o filme sobre um período de

nossa história em alta definição. Se nos anos 1995, Carla — que assinou o roteiro com Melanie Dantas, criou como estratégia e recurso de roteiro uma menina e ao imaginar e viver as histórias contadas pelo tio até tornar-se a personagem Carlota para deixar o filme leve e livre da fidelidade histórica, mesmo que os fatos fossem históricos — hoje, 30 anos depois, os olhos das novas gerações olham para aquelas histórias e personagens exatamente como a cineasta quis: lúdico em sua proposta, só que agora com uma excelência estética atualizada; mudou a experiência do assistir a um filme porque mudou a experiência do cinema. O que talvez não tenha mudado é a curiosidade de saber histórias e personagens na vida real e nas representações ficcionais.

Pensando nessas questões e retomando o relato de Antonio Callado sobre os dois volumes que recebeu da produção — o da pesquisa histórica e o da divulgação iconográfica —, podemos matar um pouco a curiosidade dos leitores e espectadores do filme de Carla Camurati e a elaboração de sua Carlota Joaquina (Figuras 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9):



Figura 3: Carlota Joaquina criança

Fonte: Pinturas do acervo do Palácio Nacional de Queluz.

Créditos fotográficos: MMP/ADF. Imagens publicadas em 25/04/2025.



Figura 4: Ludmila Dayer: a Carlota criança de Camurati

Fonte: Carlota Joaquina, Princesa do Brasil (1995-2025).

Carlota Joaquina. Carla Camurati. 30 anos depois
• Maria Ignês Carlos Magno e Rogério Ferraraz



Figura 5: Retrato de D. Carlota Joaquina, rainha de Portugal (1802-1806)

Fonte: Acervo MASP. Autor- Domingos Antonio de Sequeira. Foto – João Musa.



Figura 6: Marieta Severo como Carlota Joaquina, de Carla Camurati

Fonte: Carlota Joaquina, Princesa do Brasil (1995-2025).



Figura 7: Marieta Severo e Marcos Nanini como Carlota Joaquina e Dom João VI

Fonte: Carlota Joaquina, Princesa do Brasil (1995-2025).



Figura 8: Marieta Severo: Carlota Joaquina e a sua despedida do Brasil

Fonte: Carlota Joaquina, Princesa do Brasil (1995-2025).



Figura 9: Carlota Joaquina no Palácio de Queluz

Fonte: Pinturas do acervo do Palácio Nacional de Queluz. Créditos fotográficos: MMP/ADF (s/d).

O filme de Carla foi uma das representações de Carlota Joaquina no cinema brasileiro. Houve outros em que a personagem é representada como “rainha excêntrica” ou como a figura-chave em momentos políticos decisivos de nossa história, como por exemplo, em *Independência ou Morte* (Carlos Coimbra, 1972), onde é peça-chave do tabuleiro político da Corte, ou *A Viagem de Pedro* (Laís Bodansky, 2022), em que Carlota aparece de maneira menos caricata e mais como figura fundamental na formação de Pedro de Alcântara, futuro imperador. Entre outras obras como na minissérie *O Quinto dos Infernos* (TV Globo, 2002) e na telenovela *Novo Mundo* (TV Globo, 2017), a rainha Carlota é personagem presente na história e na ficção, como nos lembra o historiador Alexandre Fernandes Borges (2025).

De curiosidades e realidades, as interpretações sobre Carlota Joaquina sempre fizeram parte dos relatos históricos e do imaginário popular. Se Carlota, a “Megera de Queluz” morreu de tristeza e amargura pelo afastamento de seu filho preferido, Dom Miguel I, ou se a Carlota de Carla que sempre odiou o Brasil aparece em uma das últimas cenas do filme dizendo “desta terra não quero levar nem o pó” — é parte da realidade transformada em ficção —, não sabemos ao certo. O que sabemos é que essas são algumas interrogações históricas sobre a vida de uma Infanta faladeira, firme em suas posições, ambiciosa e culta, o que era incomum para uma mulher — mesmo rainha na época.

A pergunta que tomou conta dos jornais, das revistas e da televisão nos anos 1995: como explicar o sucesso que foi a *Carlota Joaquina*, de Carla Camurati, a ponto de fazer desse filme o marco zero da Retomada do cinema brasileiro? Se for repetida agora em 2025 — 30 anos depois —, a resposta é a mesma: o fato de o filme falar diretamente ao espectador. Uma sátira bem-humorada de nossa história e de suas personagens, especialmente Dom João VI e *Carlota Joaquina, Princesa do Brazil*.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Alexandre Fernandes. Carlota Joaquina. **Mundo Educação**, 2025. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/biografias/carlota-joaquina.htm>. Acesso em: 25 nov. 2025.
- CALLADO, Antonio. “Carlota” expõe raízes da fracassomia. Ilustrada. **Folha de S. Paulo**, 18 fev. 1995.
- CARLOTA Joaquina, Princesa do Brazil. Produção: Carla Camurati; Bianca de Felipes. Direção: Carla Camurati. Roteiro: Melaine Dantas; Carla Camurati. Brasil: [s. n.], 1994. 1h40min, color.
- CARVALHO, Anna Karina de. “Carlota Joaquina, Princesa do Brazil” retorna ao cinema após 30 anos. **Agência Brasil**, 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2025-08/carlota-joaquina-princesa-do-brazil-retorna-ao-cinema-apos-30-anos>. Acesso em: 25 nov. 2025.
- COELHO, Marcelo. Carlota Joaquina debocha da história. Ilustrada. **Folha de S. Paulo**, 15 fev. 1995.
- DESBOIS, Laurent. **A odisseia do cinema brasileiro**: da Atlântida a Cidade de Deus. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FÍGARO, Roseli. Cinema e história com humor e criatividade: Entrevista com Carla Camurati. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 4, p. 68-81, 1995. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i4p68-81. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/36180>. Acesso em: 15 jan. 2025.

D. CARLOTA JOAQUINA, a princesa “mimada” que se tornou a “megera” de Queluz. **Parques de Sintra**, 25 abr. 2025. Disponível em: <https://www.parquesdesintra.pt/pt/sobre-nos/blog/d-carlota-joaquina/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

PARVECHI, Silvia Regina, *In:* NAGIB, Lúcia. **O cinema da retomada:** depoimentos de 90 cineastas dos anos 90. São Paulo: 34, 2002.

PIERRE, Silvie. **Carlota Joaquina, Princesa do Brasil**. Cahiers du Cinéma, n. 492, jun.1995.

ORICCHIO, Luiz Zanin. **Cinema de novo:** um balanço crítico da retomada. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

SILVA, Daniel Neves. Carlota Joaquina. **Brasil Escola**, 2025. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiab/carlota-joaquina.htm>. Acesso em: 14 nov. 2025.

SIMÓES, Inimá. O Filme de Carla Camurati. **Revista Set**, ano 9, n. 5, maio, 1995.

THOMAZ, Guilherme. **Carla Camurati fala do sucesso de Carlota Joaquina:** “Ela tem uma linguagem que envolve as pessoas”. Disponível em: <https://www.ingresso.com/noticias/filme-carlota-joaquina-princesa-do-brazil-entrevista-carla-camurati-marieta-severo-produtora-e-elenco>. Acesso em: 15 jan. 2025.